

Marc Lépine: violência e masculinidade no contemporâneo

Sócrates Nolasco

Resumo: Este texto analisa a relação entre masculinidade e violência nas culturas contemporâneas ocidentais. Nessas sociedades, a violência tem hoje, na mídia, um papel de destaque. Por intermédio, tanto de campanhas públicas como de diversos tipos de mobilização popular, ela tomou-se um “ente” a ser exterminado. Ao analisar alguns dados disponíveis por fontes como LBGE, Ministério da Saúde ou da Justiça, percebe-se que a violência não se restringe a uma classe social, raça ou idade. Mesmo que, quantitativamente, ela se evidencie em segmentos sociais mais desfavorecidos, a violência perpassa todos eles. Há, nesses dados uma revelação interessante. São sempre os homens que definem as curvas e os registros de violência. Ao se elaborar uma tabela por sexo, verifica-se que a violência não tem cor, idade ou classe social, mas tem sexo. Diante desse cenário, este artigo pensa a seguinte questão: Se a violência tem um rosto, por que ele não aparece nas campanhas ou nos desdobramentos por elas propostos? Será que não aparece porque o envolvimento dos homens em situações de violência tem uma função importante para o ideário político das sociedades contemporâneas?

Abstract: This paper investigates the relationship between male representation and violence in contemporary societies in the context of the social transformations they have undergone during the transition to modern individualism. In order to characterize the impact these transformations had on male representation, I talk about Greek and modern myths as I analyse the modern condition. I examine the culture critique of Baudrillard and Foucault, and search to identify the factors that contribute to the occurrence of violent situations, drawing a parallel to what happened to the representation of *the other* in modern society. I initially characterize these as traffic accidents, homicides, domestic violence and suicide. However, I proceed to explore other forms of violence and link them to the phenomenon of *banalization of masculinity*, this being a promoting factor to men’s engagement in those situations.

“Are you a Man or a Mouse?”

Muitos homens passam a vida tentando responder a essa pergunta. Ela põe em dúvida a segurança que sentem diante da masculinidade.

Um homem, quando se sente fora de seu lugar, age fazendo um esforço desesperado para evitar situações de humilhação ou desmoralização públicas. Na maioria das vezes, ele pauta suas ações para evitar que seja reconhecido como um rato.

Do ponto de vista social, o desempenho de um homem é continuamente avaliado até que se possa saber se ele é um homem de verdade. Obter méritos confere a ele a sensação de ter conseguido encontrar seu lugar no mundo. Um lugar que só existe se existem desafios para serem enfrentados. Sem desafios, muitos homens sentem-se sem lugar ou, ainda, sem saber como ocupá-lo.

O uso da violência é expressão dessa incapacidade que um homem tem para identificar-se e manter-se em seu próprio lugar. E recorrente, em situações de violência, encontrarmos intensas crises de ódio ou fúria. Tais sentimentos surgem para acionar mecanismos internos de que o sujeito dispõe para tentar sair da própria impotência.

As sociedades tradicionais ofereciam aos homens recursos para que eles pudessem construir identidades potentes, capazes de fazê-los sentirem-se viris. Isso acontecia por intermédio de sucessivas incorporações de papéis sociais pelos quais se percebiam como pessoas de ação e valor. Com isso, era possível usar a agressividade sem convertê-la em ódio ou fúria. Cargas subjetivas e emocionais, quando estão articuladas a símbolos, produzem palavras. Palavras dissipam fantasmas inimagináveis que rondam a existência de certos sujeitos. Elas os tornam livres na medida em que os auxiliam a se sentirem dominando a si mesmo.

Ainda nessas sociedades, ao encarnar o papel social do guerreiro, de um cavaleiro ou de alguém que protege e provê sua família, o sujeito percebe que sua unidade subjetiva se reafirmava por meio de seus vínculos sociais. Esses papéis lhe conferiam reconhecimento público. Quando realizava ações prescritas em seu papel social, ele sentia-se homem, pois, ao cumprir determinadas expectativas sociais, percebia que era possível desenvolver um estilo pessoal. Sem domínio de si mesmo, não se consegue formar um estilo pessoal. A violência precipitada por sentimentos de impotência é conseqüência da ausência de um estilo próprio.

Estilos são possibilidades simbólicas. Elas começaram a perder

seu valor na passagem para o individualismo moderno. Esse fenômeno intensificou e radicalizou-se nas sociedades contemporâneas. Por sua vez, essas sociedades passaram a adotar novos eixos em torno dos quais se articulava a experiência subjetiva dos sujeitos, sem que, para isso, fosse necessário inseri-la em matrizes simbólicas.

Denominadas de democracias de mercado, essas sociedades organizadas em torno do neoliberalismo adotam a tecnologia, o mercado e a economia como operadores sociais por meio dos quais o sujeito constrói identidades sem estilo pessoal ou, ainda, identidades performáticas. Distinguindo-se das sociedades tradicionais, as contemporâneas optaram por investir no lucro, e não nas pessoas.

Democracias de mercado negam que a experiência humana é uma experiência emocional que se sustenta dentro de relações interpessoais mediadas por símbolos. Há sujeitos que, por razões desconhecidas, sucumbem e não conseguem perceber que têm internamente um lugar para si. Em vez disso, sentem-se continuamente estrangeiros em seu próprio território. Essas pessoas vivem dentro de um vazio existencial cujo desespero promove ódio e fúria. Elas buscam mediante esses sentimentos adquirir recurso para saírem do estado de fragmentação em que se vêm mergulhadas.

As sociedades contemporâneas também autorizam o sujeito a fazer uso da força física como forma de provar virilidade. Contudo elas o fazem dentro de uma relação sujeito/objeto, mas dentro de uma relação em que o objeto desapareceu. Como diz Baudrillard (1995): “A verdade é que a alteridade vai faltando, e que é preciso produzir o outro como diferença, em lugar de viver a alteridade como destino”.

Essa crença na preeminência do uso da força física predispõe os homens a usá-la quando se vêm envolvidos em situações em que não se reconhecem como homens.

O caso Lépine é um exemplo disso.

O Massacre de Montreal

No dia 6 de dezembro de 1989, Marc Lépine, de 26 anos, entrou na Escola de Engenharia de Montreal, assassinou 14 mulheres e feriu várias pessoas. Esse incidente marcou a história canadense e trouxe à tona uma longa reflexão sobre as razões e motivos que teriam levado Lépine a cometer esse ato.

Tal data ficou conhecida como o Massacre de Montreal ou, ainda, como o pior assassinato em massa da história canadense. Ela teve uma enorme repercussão na imprensa canadense e norte-americana. Lépine ficou conhecido como o pistoleiro que matou 14 mulheres na Academia Politécnica de Montreal.

Sobre esse aspecto, um jornal de Mianii dizia:

..um pistoleiro usando equipamento de caça e dizendo que estava fora de controle, consegue matar várias mulheres chamando-as de feministas. Ele iniciou um tiroteio e fez um alvoroço na Universidade de Montreal, quarta-feira, matando 14 mulheres e ferindo 12 pessoas antes de cometer suicídio.

No dia 7 de dezembro, o *Inquirer*, jornal da Filadélfia, publicou um texto semelhante, pontuando que o dia frio e chuvoso que envolvia a cidade desapareceu diante de tamanha tragédia.

Um entrevistado, que estava presente naquele dia, comentou que um assassino não identificado, vestido com equipamento de caça, gritava em francês, antes de começar a atirar: “Vocês são um bando de feministas!”

Enfim, o que causou esse incidente: Crime de raiva? Raiva de mulheres? Um pistoleiro louco? Um soldado que não pertence a nenhum exército?

A busca de explicações intensificou-se nos dias que se seguiram e vários especialistas foram convidados a falar sobre o que, até então, jamais se imaginou que pudesse acontecer na sociedade canadense.

Inicialmente, o foco das discussões convergia para a figura de Lépine. As análises do incidente buscavam justificativas para seu ato: Foi o desemprego? Teria sido a recusa de seu pedido para ingresso no Exército e na Escola Politécnica ou, ainda, sua dificuldade de relação com as mulheres?

Corneau (1995) conduz suas análises refletindo sobre que tipo de pai Lépine não deve ter tido para que pudesse odiar tanto as mulheres. Com isso, ele traça um perfil sobre a condição dos homens nos dias de hoje. Esse aspecto foi desenvolvido em seu livro *Père manquant, fils manqué*. Utilizando as reflexões presentes nesse trabalho, Corneau diz que Lépine tenta revelar três situações a saber:

A primeira é endereçada aos homens, a todos os homens: “olhem,

vocês que me rejeitaram, sou eu que defendo o bastião da masculinidade. Mato as mulheres que querem tomar-se engenheiras, porque a Escola Politécnica sempre foi um reduto da masculinidade em Quebec, e acho que no mundo inteiro é assim”.

A segunda coisa que diz é que “a igualdade entre homens e mulheres lhe é intolerável.” Penso que Lépine nunca teve confirmado seu poder de homem e desenvolveu uma inveja terrível das mulheres que estavam na Universidade, tomando o lugar que deveria ser dele.

A terceira coisa que ele diz é: “...para mim, que não tive pai, que não tive o masculino em minha vida, a única maneira de me separar das mulherés é matando-as”. A maneira de separar-se da mãe, do mundo feminino em que viveu, é matar - concretização do mal-estar interior.

Concluindo sua análise, Comeau afirma que o que falta a Lépine é um lugar dentro de si mesmo, onde possa se sentir seguro como homem. Essa falta de lugar pode ser interpretada como: *ser homem significa não ser mulher*.

Posteriormente, novas análises foram aparecendo na literatura especializada e, com elas, foi-se estendendo o ato de Lépine para uma compreensão mais geral sobre a relação entre homens e mulheres. Como se Lépine fosse um representante dos homens e suas ações só o diferenciasssem dos demais pela intensidade do ato que praticou.

Neste texto, analiso esse deslocamento do particular para o geral que vem sendo recorrente nas análises de gênero, a fim de demonstrar o quanto ele é utilizado por tal literatura, como um argumento que define o posicionamento dessas análises frente aos homens. Podemos encontrar essa abordagem em grande parte da literatura feminista. Como exemplo disso, Beauvoir afirma que há “uma hostilidade fundamental a qualquer outra consciência; o sujeito só se põe opondo: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto”.

A literatura feminista parte da questão do lugar. Um lugar definido pelo homem para a mulher, a fim de redefini-lo a partir da própria mulher.

Durante esse percurso, encontramos a denominação homem tratada como um bloco unitário, sem qualquer diferenciação. O que foi necessário para que se pudesse manter a força do argumento feminista. Contudo tal argumento extrapola sua própria fronteira quando aproxima Lépine de qualquer homem.

No *Segundo Sexo*, diz Beauvoir:

Burguesas, são solidárias dos burgueses e não das mulheres proletárias; brancas, dos homens brancos e não das mulheres pretas. O proletário poderia propor-se o trucidamento da classe dirigente; um judeu, um negro fanático poderiam sonhar em possuir o segredo da bomba atômica e construir uma humanidade inteiramente judaica ou inteiramente negra: mas mesmo em sonho as mulheres não poderiam exterminar os homens. O laço que a une a seus opressores não é comparável a nenhum outro.

Diferentes linhas da literatura feminista convergem para um ponto comum: o homem, em algum aspecto de sua relação, oprime a mulher. Para fazer frente a essa premissa, foi necessário que o discurso feminista desqualificasse a representação social masculina, reduzindo-a a situações particulares deflagradas por determinados sujeitos, a exemplo de Lépine. Uma vez feito isso, o sujeito do sexo masculino ficou reduzido à condição de um agressor potencial.

Para tentar reparar o caráter negativo imputado à representação social masculina, encontramos textos como o de um outro canadense chamado Lemire.

Marc Lemire, que se intitula nacionalista, sustenta um ponto de vista com que defende a necessidade de formalização de posturas que reflitam o orgulho da raça branca. Lemire não é assassino nem defensor de uma ideologia sectária e machista. Seus discursos são permeados de desespero. Neles, ele lamenta que existam apenas dias em que se comemore o orgulho negro, o orgulho judeu, indígena e *gay*, porém que não haja um encorajamento para que a população se orgulhe de ser branca. Ele menciona que as glórias e a grandezas dos povos brancos estão cada vez mais esquecidas.

Em um de seus textos, ele diz:

Para um sujeito ser psicologicamente saudável, ele ou ela deve ter um senso de identidade e valor próprio. E para a nossa raça como um todo ser forte e saudável, os povos brancos de todo o mundo devem desenvolver um senso de identidade racial e valor próprio. Não há melhor modo de se atingir este nível extremamente de consciência racial

do que desenvolvendo o orgulho de nosso próprio povo, de nossos ancestrais e de seus gloriosos feitos.

Neste texto, analiso o quanto o envolvimento dos homens em situações de violência está relacionado à perda do estatuto positivo conferido à representação social masculina nas sociedades tradicionais. Essa perda, iniciada na transição para o individualismo moderno, contribuiu tanto na formulação das críticas impetradas ao homem, branco, heterossexual por diferentes movimentos sociais (negros, gays e mulheres), quanto serviu de base para as reivindicações que aspiravam positivar as representações sociais das “minorias”.

Para desenvolver esses dois pontos, acrescento um outro cenário que tangencia o caso Lépine, ao mesmo tempo que forma com ele uma interseção. Esse cenário nos mostra que, de algum modo, as sociedades ocidentais continuam associando virilidade a violência bem como investem em mecanismos para testar o grau de masculinidade presente em um homem.

O Primeiro Sexo

Um exemplo desse investimento evidencia-se no treinamento de recrutas elaborado pelas Forças Armadas. Ele sinaliza o quanto seu eixo norteador se fundamenta na crença de que o inimigo existe e que não há outra maneira de manter a integridade e a soberania senão por sua eliminação.

Essa é uma das maneiras utilizadas para criar guerras. Guerras demandam soldados, em sua grande maioria soldados são homens. O verdadeiro soldado é o verdadeiro homem, um sujeito que eliminou a covardia de dentro de si mesmo. Quando enfrenta o inimigo, ele demonstra que conseguiu com sucesso realizar tal empreitada. Percebendo que só é possível empreendê-la por meio da inserção em uma corporação.

Analisando a organização dos programas de treinamento preparados para recrutas do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos ou, ainda, em de qualquer outra parte do mundo, percebemos que recrutar jovens é uma *praxe*, pois eles são mais vulneráveis e fáceis de influenciar, eles não sabem muito sobre o que é morrer. Homens mais velhos podem ser treinados para ser soldados, porém eles jamais serão convencidos a acreditar que estejam fazendo algo de que gostem.

Todavia, quando se é jovem, é possível acreditar que esse treinamento lhe renderá possibilidades contínuas de provar seu heroísmo e adquirir glória. Um desejo de ser reconhecido como herói se mantém presente e busca satisfação. Para satisfazer-se, ele se deixa levar pelas mensagens dadas por esses programas.

Esse desejo é um representante das aspirações infantis que não se desfizeram, mas, ao contrário disso, ficaram guardadas à espera de ocasiões para ser liberadas.

Marc Lépine tinha 26 anos e sua idade está na mesma faixa etária dos assassinos de outras nacionalidades. Ao realizar um levantamento sobre crimes semelhantes ocorridos em diferentes países, percebemos que nos últimos 50 anos, incidentes como esse aconteceram com alguma frequência. Esses assassinatos em massa cometidos por homens produziram de 6 a até 100 vítimas. Os assassinos agem como pequenos exércitos, que defendem idéias, matam e morrem por elas. Vale observar que o tipo de armamento utilizado é o mesmo empregado pelos militares. Lépine, antes de se matar, deixou um carta explicando seus motivos e, nela, identificamos que crenças o levaram a cometer tal ato.

Por exemplo, no Brasil, no dia 21 de maio de 1997, Genildo Ferreira de Franca matou 17 pessoas em São Gonçalo do Amarante, Natal; Friedrich Leibacher assassinou 14 pessoas no dia 27 de setembro de 2001, na Suíça; Christian Dornier, na França, matou mais de 10 pessoas no dia 12 de julho de 1989; Martin Bryant, no dia 28 de abril de 1996, fez o mesmo na Austrália. Encontramos relatos de casos semelhantes nos Estados Unidos, Alemanha, Irã, Rússia, Nova Zelândia e em outros países.

Se conduzirmos nossa análise na tentativa de buscar um perfil para o assassino, encontraremos alguns pontos comuns na história de cada um deles, a saber: cerca de 20% foram abusados fisicamente quando criança; 80% deles receberam punição física quando criança; 90% agrediram um de seus pais; dos que têm filhos, 60% usam agressões físicas para puní-los e 30% deles tem histórias de suicídio na família.

Reduzindo a intensidade do foco da investigação sobre o perfil do assassino, encontramos um enorme percentual de mortes envolvendo homens. Existem poucas reflexões a esse respeito, mesmo que esse cenário seja recorrente no cotidiano das sociedades ocidentais.

Sobre isso, Corneau diz:

Na América do Norte, 85% da violência criminal é produzida por homens. Problemas com álcool e drogas: quatro homens para cada mulher; suicídio, três homens para cada mulher Na escola primária, quatro meninos para cada menina têm problemas de aprendizado; há também problemas de hiperatividade, hiperansiedade, incontinência noturna, dislexia; e outros mais graves como esquizofrenia e autismo, encontrados com mais frequência em homens do que em mulheres.

O Canadá, segundo Comeau, também tem sua população masculina envolvida significativamente com mortes por causas externas, consumo de álcool, drogas e suicídios. As estatísticas brasileiras confirmam o mesmo quadro.

Um estudo de 1993, sobre a violência, realizado pela Organização Mundial da Saúde, informa que nos países em desenvolvimento ocorrem 215 mil assassinatos a cada ano, contra 60 mil nos países desenvolvidos. Violência e acidente de trânsito matam, por ano, cercade 3,5 milhões de pessoas em todo o mundo. Os homens contribuem, aproximadamente, com 77% do total dessas mortes.

Um outro trabalho realizado, no Brasil, pelo Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER), juntamente com a Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro e Datasus, também de 1993, retrata que, nas últimas duas décadas, houve no Brasil um aumento de 220% na taxa de mortalidade por projéteis de anuas de fogo (PAF). Para se ter uma dimensão desse aumento, em 1979, a taxa era de 6 mortos para cada 100 mil; em 1997, esse número salta para 19 assassinatos para cada 100 mil habitantes.

Nos EUA, armas de fogo matam 6 mil pessoas por ano. No Brasil, matam 26 mil.

A cada década, encontramos cerca de 20 guerras acontecendo no mundo. Guerras precisam de homens para serem transformados em soldados. Soldados são treinados para matar ou para morrer. O método utilizado pelas sociedades para transformar jovens em soldados, pessoas que matam outras pessoas, é o treinamento básico. Lépine se considerava um soldado que lutava por uma causa e morreria por ela. Em sua visão, as mulheres eram suas inimigas.

Dentro de um programa de treinamento, quer seja ele oferecido pelo Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos ou adotado pelo Exército russo, o fio condutor é a idéia de inimigo. Esse é um dispositivo

psíquico que servirá como uma autorização para o soldado poder matar. Pelo modo como são socializados, os meninos crescem alimentando esse fantasma.

De acordo com esses programas, primeiro, deve-se impingir ao recruta a crença de que as diferenças existentes entre ele e, supostamente, o seu inimigo tomam este último menos humano e, portanto, passível de ser assassinado. E a ameaça externa que une uma corporação de combate tão fortemente, que seus membros farão qualquer sacrifício uns pelos outros.

No filme *Anybody's Son Will Do*, encontramos o seguinte depoimento de um ex-combatente de guerra. Diz ele:

Quando eu voltei pela primeira vez em 1969, minha mãe não ia ao meu quarto quando eu dormia. Eu era perigoso. Na primeira noite em que voltei, eles tinham um "trailer" de dois quartos - eu dormia no chão, pois minha irmã estava em casa na época. Minha mãe ia passar por cima do meu braço, que estava caído de lado, e ia ligar o ar condicionado. Ela chegou perto de mim. Eu nem estava acordado, eu apenas reagi. Eu a puxei para o chão e a segurei pela garganta. Meu pai me puxou de cima dela. Eu não estava acordado, eu não sabia onde eu estava. Eu era perigoso. O tempo passa e você supera, mas jamais esquece.

O caminho que percorremos até aqui mostra alguns homens envolvidos diretamente com situações de violência; homens que assassinam em massa; homens que são preparados, pelas Forças Armadas, para exterminar populações inteiras; e homens que morrem diariamente de causas externas. Nas duas últimas décadas, os sujeitos pertencentes às sociedades do Ocidente se armaram mais a fim de se proteger de um inimigo nem sempre visível e localizável.

Situações de homicídio e violência por causas externas evocam temáticas que falam de honra, valor, orgulho e heroísmo. Durante muitos séculos, a masculinidade agregava a si essas referências e as articulava umas às outras, em torno do eixo viril. Desse modo, estabelecia-se um roteiro para a construção da identidade social dos homens.

Segundo Gilmore (1990), a masculinidade é um fato social que se adquire em contextos ao mesmo tempo simbólicos e práticos. Para

ele, os meninos devem adquirir seu sentimento de identidade por meio de um outro sentimento: o de pertencimento a um grupo. Um grupo retratado pelas corporações e do qual Lépine não se sentiu parte. Esse autor mostra, ainda, que as experiências emocionais subjacentes ao caminho que leva o sujeito a sentir que aportou dentro de si um sentimento de identidade estão permeadas de situações de dor, humilhação e injúria. A masculinidade necessária para fazer frentes aos projetos sociais pertencentes às sociedades tradicionais agregava a si esses aspectos. Morrer pela pátria, manter a honra eram expressões disso.

Quando as experiências emocionais escapam ao controle do sujeito, os sentimentos presentes no drama iniciático masculino retornam e transformam-se em atos.

Nas sociedades tradicionais, os mitos, os ritos e sua relação com o que era considerado sagrado, auxiliavam os sujeitos a gerenciar suas tensões internas e a dar a elas um contorno que não comprometia seus vínculos sociais. Ritos de iniciação, histórias e mitos funcionavam como *enunciados identificatórios*, que ofereciam a ele possibilidades de organização de sua experiência subjetiva, ao mesmo tempo que o fazia sentir-se parte de um grupo.

Isso garantia que a *experiência masculinizante* fosse socialmente organizada em torno da excelência para ação, bem como de uma imagem monolítica e coesa, partilhada por toda a comunidade. O herói grego é expressão desse tipo de percurso. Hércules e Ulisses foram heróis que se consagraram masculinos. Essa consagração se expressa mediante o esforço de cada um para encontrar sua “alma”¹. Para os gregos, o caminho que leva o herói até o sentimento que confirma sua identidade está permeado de incertezas e agruras. Por exemplo, pela história de Édipo, compreendemos a preocupação com o risco de banalização da “alma” e os perigos que o herói enfrenta para não se perder. Se Édipo fracassa nessa empreitada, Hércules, ao vencer os doze trabalhos, se consagra conquistando uma identidade firme e segura. Mitos e valores são formas de revelação do sagrado; por seu intermédio, as sociedades tradicionais favoreciam possibilidades de assentamento às dimensões subjetivas do sujeito.

As sociedades individualistas contemporâneas distinguem-se das sociedades tradicionais quando prescindem de suas maneiras de apreensão e compreensão da subjetividade. O sagrado demarca as fronteiras de um campo simbólico, no qual o sujeito ancora sua experiência subjetiva. Assim sendo, o sagrado pode ser considerado um desses

¹ Denominação que corresponde à noção de identidade empregada neste texto.

modos. Ao permitir a presença do jogo alteritário, assegura que tal marca só se imprime a partir do social.

Sobre isso, Girard (1990) diz:

Quando os homens negligenciam os ritos e transgridem as interdições, estão literalmente provocando a violência transcendente para que desça novamente entre eles, tornando-se mais uma vez a tentação demoníaca, algo formidável e nulo em torno do qual se destroem uns aos outros, física e espiritualmente, até o aniquilamento total, a menos que o mecanismo da vítima expiatória, uma vez mais, venha salvá-los, a menos que a violência soberana, em outros termos, julgando-os “culpados” suficientemente “punidos”, aceite ganhar novamente sua transcendência, afastando-se exatamente o necessário para vigiar os homens de fora, inspirando-lhes a veneração temerosa que lhes concede a salvação.

O Crime como Fundador da Sociedade

As análises de Katz (1988) sobre a moral do criminoso em situações de homicídio típico, oferecem algumas pistas para compreendermos o caso Lépine. Ele sinaliza que o homicídio típico se caracteriza por uma tentativa passional de realizar um sacrifício para corporificar uma ou outra versão do “Bem”.

Esse autor diz que, para o agressor, a matança corresponde a um ato virtuoso realizado em nome de valores coletivos.

Lépine, antes do suicídio, deixou uma carta onde expõe os motivos que o levaram a cometer tal ato. Nela encontramos a defesa de *valores coletivos* que, segundo ele, pertencem ao “mundo dos homens”.

É interessante observar que *valores coletivos* também são bandeiras defendidas pelas Forças Armadas. Honra e glória correspondem ao sucesso de sua empreitada.

Ao discutir o papel da vítima expiatória, Girard expõe uma reflexão que permite relacionar o crime com a organização coletiva, como se, de algum modo, ele a fundasse. A violência que ameaça destruir a organização social precisa ser contida e a vítima expiatória

é a maneira simbólica de evitá-la.

Aspectos destrutivos presentes nas sociedades do Ocidente são atenuados por crimes individualizados e localizados. Esses crimes cometidos individualmente pelos assassinos mencionados devem, também, ser interpretados no contexto de sociedades bélicas, que premiam e investem em atitudes destrutivas.

Conclusão

Para matar, um soldado precisa desconsiderar o “não matarás”. O que torna sagrada essa afirmação é a atitude que o sujeito assume diante de seu desejo pelo outro. Ao transcender tal desejo, ele se insere numa coletividade e cria para si uma possibilidade de construir um futuro junto a essa comunidade. Hércules transcendeu e conquistou seu nome. Por sua vez, Edipo perdeu seu nome na morte do simbólico, que o incesto impõe.

As sociedades tradicionais produziam razões simbólicas pelas quais o sujeito se constituía a partir do jogo dialético estabelecido com o outro. Já as sociedades contemporâneas as substituíram por razões econômicas, que não têm o mesmo estatuto das primeiras. Nesse contexto, a raiva intensa originária de situações de conflito fica à mercê de atos regidos por padrões de comportamento, por qualquer racionalidade que possa lhe dar continente. Assim sendo, a raiva se toma fúria ou ódio, levando um sujeito a cometer assassinatos.

Portanto uma sociedade que abre mão da transcendência perde os objetos geradores da crença partilhada por seus membros. São paixões conduzidas por objetos sagrados. O contemporâneo assenta-se em paixões sem objeto, nascidas da indiferença, construídas sobre um outro virtual (BAUDRILLARD, 1995).

Atualmente, um sujeito pode desenvolver paixões pela guerra do mesmo modo que pela paz. O ódio presente em cada um dos assassinos estava à procura de objeto, qualquer objeto. Pessoas sem nome, desconhecidas como ele mesmo se sente. Para esses “falsos” soldados o que importa é fazer desaparecer o objeto, qualquer objeto.

Esses crimes, como os de guerra, são ataques a *valores coletivos* que os assassinos não conseguiram absorver. Eles foram cometidos por meio da violência decorrente do alijamento social. Eles não se sentem pertencendo e usam a violência para pertencer. Por meio do crime, a lei que os nega é ferida, sendo convocada a reconhecê-lo como assassino. O fracasso, para inserir-se socialmente e adquirir uma identidade positiva, promove atos que o fazem sentir-se

inserido mediante a “negativação” de sua identidade.

No contemporâneo, o ódio se mantém presente, mas dissimulado, nas ideologias das democracias de mercado, a exemplo do conteúdo do documento conhecido como *Consenso de Washington* ou, ainda, pertencente à *Carta Econômica das Américas*². Ele aparece de forma intensa tanto nas políticas discriminatórias produzidas por esses documentos quanto no comportamento exterminador dos assassinos. Essas políticas bélicas se escondem atrás de crimes cada vez mais ferozes e, como eminências pardas, mudam a direção da atenção da opinião pública para crimes como o de Lépine.

Uma masculinidade bélica é necessária para conduzir propósitos centrados no lucro. Ela se mantém presente como um dos eixos que orientam o comportamento individual; o sujeito deve ser competitivo, agressivo e vencedor. Esses valores demarcam uma visão de mundo que se assenta na pergunta: Você é homem ou rato? Assim sendo, ela reduz aos níveis micro aspectos que pertencem aos macro sociais.

Caso ocorra em 2003, a guerra contra o Iraque matará milhares de pessoas desconhecidas e residentes naquele território. Isso não tornaria qualquer atirador norte-americano um descendente de Lépine? Por outro lado, o que acontece nas sociedades contemporâneas, no Ocidente, para que elas não pensem assim?

Referencias Bibliográficas

BAUDRILLARD, J. *Les stratégies fatales*. Paris: Grasset & Fasquelle, 1983.

BAUDRILLARD, J. *Le crime parfait*. Paris: Galillé, 1995.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s/d.

² O Consenso de Washington foi arquitetado por membros da economia privada, em geral pertencentes a empresas privadas, que controlam a maior parte da economia internacional. Ele é considerado como uma das principais referências às bases do neoliberalismo. A Carta referida buscava exterminar qualquer possibilidade de preservação do nacionalismo na América Latina, afirmando que isso impediria o avanço do capitalismo no mundo.

- CHOMSKY, N. *O lucro ou as pessoas: neoliberalismo e ordem global*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CORNEAU, G. *Pai ausente, filho carente*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- In NOLASCO, 5. (Org). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- DIEL, P. *O simbolismo na mitologia grega*. São Paulo: Attar, 1991.
- FREUD, 5. *Totem e tabu*. ESB. v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GILMORE, D. *Manhood in the Making: Cultural Concepts of Masculinity*. New Haven: Yale University Press, 1986.
- GIRARD, R. *A violência e o sagrado*. São Paulo: Unesp, 1990.
- NOLASCO, 5. Um homem de verdade. In: CALDAS, Dano. *Homens*. São Paulo: SENAC, 1998.
- SIMONNET, J. Uma estética masculina: dor e relação na preocupação consigo mesmo. In: NOLASCO, Sócrates. *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- SONKIN, D.J. WALKER, D. M. *The Male Batterer: A Treatment Approach*. New York: Springer publishing Co., 1895.
- Dados retirados de um estudo epidemiológico realizado nos EUA (1997). Esse trabalho revela, ainda, que cerca de 6% da população desse país experimenta algum tipo de violência.